

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

DANIELI DIAS RANGEL SOARES

**PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS DE
HISTÓRIA EM ENGENHEIRO BELTRÃO – PR**

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

DANIELI DIAS RANGEL SOARES

**PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS DE
HISTÓRIA EM ENGENHEIRO BELTRÃO – PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Memórias e Espaços de Formação

Área de concentração: História Pública

Orientador: Prof. Dr. Michel Kobelinski

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dias Rangel Soares, Danieli
PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS
DE HISTÓRIA EM ENGENHEIRO BELTRÃO ? PR / Danieli
Dias Rangel Soares. -- Campo Mourão-PR, 2023.
49 f.: il.

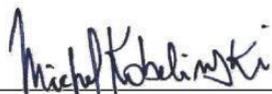
Orientador: Michel Kobelinsk.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2023.

1. Performance. 2. Arte. 3. Engenheiro Beltrão.
4. Museu. 5. Parque, gruta. I - Kobelinsk, Michel
(orient). II - Título.

DANIELI DIAS RANGEL SOARES

**PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS DE HISTÓRIA EM
ENGENHEIRO BELTRÃO – PR**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Michel Kobelinski (orientador) – Programa de Pós-Graduação em História
Pública/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Ana Paula Peters – Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Juniele Rabêlo de Almeida – Universidade Federal Fluminense – UFF

 Documento assinado digitalmente
SANDRA CRISTINA DONNER
Data: 13/06/2023 15:23:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. Sandra Cristina Donner – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS

Data de Aprovação

01/06/23

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido, Ricardo, que foi suporte de força, paciência e carinho em todos os momentos desde que iniciei esse trabalho.
Dedico também aos meus filhos, Vinícius e Luísa, minha razão de acordar todos os dias e correr atrás dos meus sonhos e lutar as batalhas as quais tenho me deparado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser minha fonte de vida e guia dos meus passos.

Agradeço ao meu marido Ricardo, por me incentivar, apoiar e me ajudar em todos os momentos desde que iniciei essa pesquisa.

Agradeço aos meus filhos, Vinícius e Luísa, por serem a razão da minha vida. Agradeço ao meu orientador Michel Kobelinski, por contribuir com todo o seu abundante conhecimento dentro dessa fantástica área da História Pública.

Agradeço a todos os professores do corpo docente do mestrado, que contribuíram para o meu crescimento efetivo e pelas palavras de esperança nos momentos de desespero.

Agradeço aos meus familiares no geral, por serem a melhor família que eu poderia ter.

Agradeço aos professores constituintes da banca, Ana Paula, Sandra e Juniele, que com seus olhares críticos tornaram ainda mais especial esse trabalho.

Agradeço a uma grande amiga, Juliane, que foi um ombro amigo durante essa jornada.

RESUMO

SOARES, Danieli Dias Rangel. **Performances Artístico-Fotográficas e Sentos de História em Engenheiro Beltrão – PR**. 49f. UNESPAR, Campus de Campo Mourão, 2023.

A relação entre o historiador e seus públicos é significativa para repensar a dualidade entre a transformação física, funcional e estética dos espaços públicos de uma cidade e as memórias que os moradores guardam consigo sobre esses lugares. Entrelaçando elementos da história pública, história oral, fotografia e arte, este trabalho tem como objetivo investigar essas relações entre os lugares públicos da cidade de Engenheiro Beltrão (PR) - Parque da Gruta, Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama - e os sentos de passado sobre esses mesmos lugares pelos seus moradores. Visitar e revisitar esses espaços ambíguos e contraditórios de forma coletiva requer o estudo, a interação e o compartilhamento de experiências sensíveis e artísticas a fim de preservar aquelas tramas que unem as pessoas ao passado, à estética e à história da cidade. A partir destes direcionamentos, levantaram-se as seguintes questões: Como os moradores e visitantes destes espaços concebem estes lugares e seu passado? Quais memórias, registros visuais e apreensões estéticas esses visitantes guardam só para si e quais são partilhados? Quais lembranças os moradores podem fornecer sobre a paisagem histórica sobre a qual se instalaram o parque, o museu e a gruta? Como os moradores avaliam o passado e essas mudanças na forma da cidade? Em termos metodológicos foram recolhidos depoimentos de pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa, mediante um espaço criado na internet. Assim, foi possível ouvir os munícipes e como os mesmos interpretam, refletem e interagem por meio de gatilhos memoriais e, ao mesmo tempo, produzem novos olhares sobre estes espaços de fruição pública.

Palavras-chave: História Pública Memória; Sentos de história; Interpretação histórica; Arte Pública.

ABSTRACT

SOARES, Danieli Dias Rangel. **Artistic-Photographic Performances and Senses Of History in Engenheiro Beltrão – PR**. 49p. UNESPAR, Campus of Campo Mourão, 2023.

Abstract: The relationship between the historian and their audiences is diminished to rethink the duality between the physical, functional, and aesthetic transformation of a city's public spaces and residents' memories about these places. Interweaving elements of public history, oral history, photography, and art, this work aims to investigate these relationships between public places in the city of Engenheiro Beltrão (PR) - Cave Park, Nossa Senhora da Rosa Mística Cave, and Yutaka Kitayama Municipal Historical Museum - and the memorialization of these same places by their residents. Visiting and revisiting these ambiguous and contradictory spaces requires the study, interaction, and sharing of experiences and artistic in order to determine those plots that unemployed people as people to the city's past, aesthetics, and history. The following questions were raised from these directions: How do residents and visitors of these spaces conceive of these places and their past? What memories, visual records, and aesthetic apprehensions do these visitors keep to themselves, and share? What memories can residents provide of the historic landscape on which the park, museum, and cave were built? How do residents assess the past and these changes in the shape of the city? In methodological terms, testimonies were collected from people willing to participate in the research through a space created on the internet. Thus, it was possible to hear the citizens and how they interpreted, reflected, and interacted through memorial triggers and, at the same time, produced new perspectives on these spaces of public enjoyment.

Keywords: Public History. Memory. Sense of history. Historical interpretation. Public art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Aniversário de Engenheiro Beltrão.....	13
Figura 2 Limite do Município de Engenheiro Beltrão.....	13
Figura 3 Entrada do museu de Engenheiro Beltrão.....	14
Figura 4 Fachada do museu desvalido, 2022.....	24
Figura 5 Portas de acesso ao interior do museu abandonado, 2022.....	24
Figura 6 Interior do museu descomposto, 2022.....	25
Figura 7 Entrada do museu, 2022.....	26
Figura 8 Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística, 2022.....	26
Figura 9 Ponte do parque da Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística, 2022.....	26
Figura 10 Museu Yutaka Kitayama: caixa registradora.....	29
Figura 11 Museu Yutaka Kitayama: instrumentos agrícolas usados na colonização do município.....	29
Figura 12 Museu Yutaka Kitayama. Fotografia do acervo.....	29
Figura 13 Museu Yutaka Kitayama, Vista interna.....	30
Figura 14 Museu Yutaka Kitayama, Vista interna; projetores de cinema.....	30
Figura 15 Pintura “Casa rústica”	31
Figura 16 Projeto Fotografia e arte como lugares de memória.....	36
Figura 17 Organização de evento.....	36
Figura 18 Cartaz/colagem produzido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.....	40
Figura 19 Performance com cartazes.....	41
Figura 20 Cartaz com o desenho de uma árvore.....	42
Figura 21 Cartaz <i>Ser humano</i>	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percepções de lugar, passado e história.....	37
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
ARTIGO 1 PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS DE HISTÓRIA EM ENGENHEIRO BELTRÃO – PR.....	18
À deriva.....	20
Desertos da memória e da história.....	22
Reconexões com o passado.....	32
Performance e proatividade.....	34
Performance como alternativa de manifestação pública.....	39
Conclusões Provisórias.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

APRESENTAÇÃO

Este trabalho procura investigar a organização de espaços públicos que se constituem como espaços históricos de referência e, simultaneamente, como ambientes de memórias na cidade de Engenheiro Beltrão - PR.¹ Para isto, selecionamos três espaços contíguos devido a sua importância histórica e simbólica: o Parque da Gruta, a Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e o Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama. Este direcionamento se deu em virtude do pequeno porte da referida cidade e, conseqüentemente, dos aparatos urbanos disponíveis.

A pesquisa se situa na chamada plataforma de confluências e práticas relacionadas à interpretação do passado e à diversidade cultural que abrangem a história pública, as quais foram desenvolvidas com os moradores da cidade de Engenheiro Beltrão no ano de 2021 e 2022. Em termos institucionais, vincula-se tanto à linha de pesquisa *Memórias e espaços de formação*, do Programa de Mestrado em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, campus de Campo Mourão, quanto ao Grupo de Pesquisa em História Pública. Para além dos saberes acadêmicos, procuramos estabelecer diálogo também com os saberes não acadêmicos, para que pudéssemos dialogar de forma aberta e acessível com diferentes públicos. A presente dissertação, no formato composto por artigo, modelo escandinavo, procura pensar a dimensão pública dos processos históricos e memoriais e, simultaneamente, sua vinculação com os ambientes sociais através de atividades ou ações colaborativas relativas às formas de apreensão do passado, tanto pelo historiador quanto pela comunidade residente no referido município.²

Investigar estas relações é importante para esclarecer como se processam algumas mudanças na estrutura urbana ao longo do tempo e como elas são apreendidas pelos seus moradores. Entendemos que as constantes transformações no quadro urbano nos fazem pensar em suas funções sociais e nos seus moradores, os quais se transformam ao longo de suas vidas e, ao mesmo tempo, interagem com outros sujeitos no espaço urbano, o qual também é objeto de intervenções do poder público.

Diante da escassez de produção bibliográfica sobre este assunto e de projetos em história pública dessa natureza procurei analisar como esses processos se articularam a partir

¹ Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética, CAAE: 40389620.60000.9247. Projeto com o título original, História Pública e lugares de memórias: fotografia, arte e interpretação do passado em Engenheiro Beltrão (PR).

² Em razão de inúmeros problemas pessoais e em virtude dos efeitos provocados pela pandemia do Covid-19, apresentamos um único artigo, conforme previsto pela Instrução Normativa Para Elaboração De Dissertação De Mestrado – Ppghp, p. 2.

de memórias pessoais e coletivas, as quais se referem às pessoas, acontecimentos, paisagens, etc. O recorte espacial se deu em razão da viabilidade da pesquisa, do contato com o poder público municipal e da facilidade de acesso ao Parque da Gruta, Nossa Senhora da Rosa Mística e ao Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama.

O município de Engenheiro Beltrão, onde nasci e me criei, faz parte do estado do Paraná, mais precisamente no noroeste do estado e localiza-se entre Terra Boa, Peabiru, Quinta do Sol, Itambé, Floresta e Ivatuba. Possui uma população de 13.906 habitantes, dentro de uma área de 467,257 km², segundo dados do IBGE de 2010 (Figura 1 e 2).

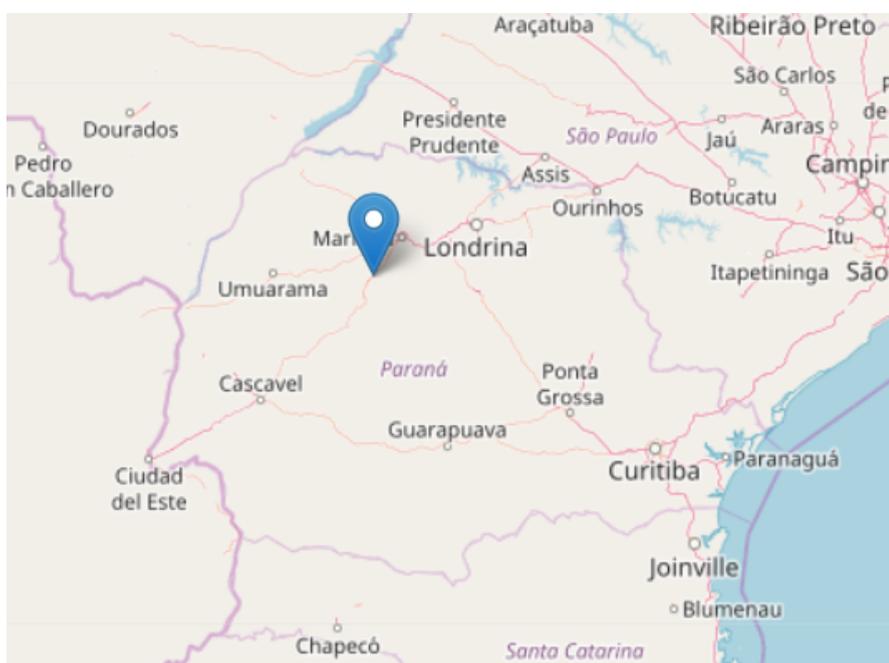


Figura 1. Aniversário de Engenheiro Beltrão. Fonte Ipardes, 21-11-2019.



Figura 2. Limite do Município de Engenheiro Beltrão. Fonte: Ipardes. Cadernos do Município, 2020.

Trata-se de um município voltado para as atividades agrícolas. Seu surgimento se deu no contexto da *Sociedade Técnica e Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda*, a partir de 1949, sob a coordenação de Alexandre Gutierrez Beltrão, que também fundou Tamboara, em 1947 (KASTER, 2019, p. 27). No entanto, pode-se identificar a presença de grande número de “reocupantes” – ao invés de “colonizadores”, desde 1932, uma vez que a região já “era conhecida há muito tempo por indígenas e caboclos” (KASTER, 2019, p. 29).³ Seus munícipes, são em grande parte oriundos de várias partes do Brasil, sendo que menos de 1% é natural de outros países (Carvalho, 2004).



Figura 3: Entrada do município de Engenheiro Beltrão. Fonte: Acervo da autora.

Em Engenheiro Beltrão existem poucas opções de espaços públicos destinados ao lazer, como por exemplo, a Praça Aldevino Santiago (PAS) e o parque municipal. Este último, denominado “Parque da Gruta” possui infraestrutura considerável. Nele, encontram-se uma pista de caminhada, uma ponte, o santuário Nossa Senhora da Rosa Mística, o museu Yutaka Kitayama, academia de terceira idade e bancos dispostos em torno de um lago. O referido museu, inaugurado em 2012, possui gravuras, fotografias, além de acervo diversificado. Para o poder público municipal a ideia de museu está desconfigurada em razão de não representar a história da cidade de Engenheiro Beltrão, argumento este contraditório. No momento ele está fechado e não faz parte dos Equipamentos Culturais do Caderno Estatístico Engenheiro Beltrão (IPARDES, 2020, p. 6). Por outro lado, o espaço do parque e da gruta é um espaço

³ De acordo com Kaster, Op. Cit., p. 79 et. seq. Na década de 1930, Alexandre Gutierrez Beltrão e Francisco Beltrão eram irmãos, engenheiros e sócios da do *Escritório Técnico Beltrão*, provocando dúvidas em relação às cidades que eles fundaram. Segundo depoimentos da família, Alexandre se recusou a colocar seu nome na cidade com o objetivo de homenagear tanto a profissão que exercia quanto o sobrenome da família.

com acesso livre e de frequente uso dos moradores. Houve investimentos em paisagismo e na manutenção do lugar (limpeza).

Considerando este contexto e situações, compreendemos que o Museu Yutaka Kitayama pode ser um espaço dedicado ao público. É importante entender que, apesar da limitação de seu acervo e a restrição de acesso público, ele representa uma parte da história da cidade. Da mesma maneira, ele também pode se constituir como um espaço de exercício de rememoração do passado e de reflexões pessoais sobre a paisagem da cidade. A relação entre o passado e presente pode ser identificada nestes lugares descritos, bem como na cultura local, nos costumes, no modo de agir e de pensar de seus moradores. Estes, precisavam ser escutados, pois possuem relações específicas com estes ambientes de história, de memória e de esquecimentos. Pensando nestas questões, estabelecemos relações dialógicas com os gestores e com a população de Engenheiro Beltrão a fim de refletir sobre os usos do passado e as ações que desencadearam reminiscências e amnésias, contatos e confrontos.

A ativação de memórias, a preservação do patrimônio museal e paisagístico de Engenheiro Beltrão não é tarefa simples frente às inúmeras demandas econômicas, culturais, educativas e tecnológicas. Pensá-las exige reflexão, estudo, projetos e, acima de tudo, a colaboração da comunidade e do poder público municipal. É neste sentido que concebemos esta pesquisa na dinâmica e nos processos em história pública. Realizamos um estudo cujos resultados propiciaram ações em prol da valorização e preservação de lugares de história e de memórias, como é o caso das áreas contíguas do Parque, da Gruta e do Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama.

Partimos do pressuposto de que parte da população do município de Engenheiro Beltrão conhece o parque, a gruta, o museu da cidade e os primórdios da colonização do município. Com referências diretas ou indiretas, admite-se a presença de vínculos memoriais e afetivos, bem como a atribuição de sentidos e significados a estes espaços em suas dimensões temporais. Em face da possibilidade de dar sentido à existência humana há o desejo da fruição destes espaços e de falar sobre o passado. Em complemento a essas suposições o patrimônio histórico-cultural da cidade de Engenheiro Beltrão comporta disputas histórico-memoriais nem sempre conhecidas pela população, as quais devem ser refletidas. Este é o caso do Museu Municipal, da Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e do parque Katayama, cujo passado recente não é reconhecido integralmente como parte da história e da memória da referida cidade. Entender as relações entre os moradores e seu passado é fundamental à própria coletividade, uma vez que os espaços públicos são lugares de

sociabilidades, lembranças e disputas. A comunidade se apropria do passado fora dos espaços escolares, possibilitando ao historiador público identificar tais usos e estabelecer mediações.

No entanto, ao refletirmos os espaços públicos percebemos o descompasso entre a valorização de áreas amplas e abertas em detrimento do Museu Yutaka Katayama. Sobre este, o problema parece residir na estrutura física ou ainda no significado deste espaço quando comparado à Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística, a qual não depende de muitos recursos financeiros. Deste modo, nossas inquirições tomaram as seguintes direções: Como os moradores e visitantes destes espaços concebem estes lugares e seu passado? Que memórias, registros visuais e apreensões estéticas esses visitantes guardam só para si e quais são compartilhados? Quais lembranças os moradores podem fornecer sobre a paisagem histórica sobre a qual se instalaram o parque, o museu e a gruta? Como os moradores avaliam o passado e essas mudanças na forma da cidade através desses espaços contíguos?

Em relação ao espaço museal depreende-se que existiu um sentido de passado, o qual precisa ser estudado e reavivado. Como fazê-lo partir da própria percepção dos moradores de Engenheiro Beltrão? Outrossim, não se trata da existência ou da ausência de coleções, mas do significado da salvaguarda da história e da memória da cidade relativos ao lugar. Nesse viés, o passado está sempre presente, seja na fachada do museu abandonado, seja na memória ou nos registros fotográficos dos munícipes. Dessa maneira, entendemos a possibilidade de estabelecer diálogos e escutas em relação aos espaços aqui considerados, os confrontos entre o que é lembrado e o que é esquecido.

Colocadas estas questões norteadoras, enfatizamos que nosso intuito foi discutir as percepções dos habitantes de Engenheiro Beltrão para com os seus principais espaços públicos e a construção da história pelos historiadores (sensos de passado e de história). Mesmo porque eles estão além de seus próprios espaços físicos e se estabelecem internamente em seus moradores. Amplificar e possibilitar um espaço de pertencimento que ligue o passado e o presente e proponha interação - utilizando registros fotográficos que a comunidade possui, além do registro de suas memórias - são ações desenvolvidas ao longo desta trajetória. Como os registros memoriais, fotográficos e artísticos podem despertar nas pessoas, diálogos sobre o passado da cidade de Engenheiro Beltrão? Como estes constituem-se como memória pública? Acreditamos que estes registros servem para a aprendizagem do passado da cidade e dos próprios moradores. Na busca pelas relações entre os moradores de Engenheiro Beltrão e seu passado desenvolvemos ações colaborativas com o público.

As questões acima formuladas foram respondidas ao longo da pesquisa e serão discutidas de forma mais específica ao longo do texto dissertativo. Para chegarmos aos resultados aqui apresentados, foram realizadas interações com o público para que pudéssemos coletar depoimentos e analisar como e com que efeitos a história e a memória se produziram e se ressignificam entre os moradores de Engenheiro Beltrão-PR. Esses depoimentos foram recolhidos mediante espaço disponibilizado na internet, por meio de um site criado com o intuito de estabelecer interações com a população. Além disso, desejávamos que ele se tornasse um espaço em que o público pudesse ter a oportunidade de compartilhar as experiências, vivências, fatos e memórias sobre o passado no que tange aos espaços públicos da cidade. Essa iniciativa será discutida nas próximas páginas.⁴

Sobre as práticas em história pública foi possível realizar um evento online intitulado *História artes e públicos*, onde debatemos as ideias abordadas durante o percurso do desenvolvimento da dissertação, montamos um folder para distribuir ao público participante e para a população de Engenheiro Beltrão a fim de convidar os mesmos para pensar a arte, a fotografia, os sentidos de passado e a interpretação histórica.⁵ Além disso, estamos em contato constante com o poder público municipal, falando sobre nossos eventos, e apresentando sugestões de propostas de atividades e ideias para a população, assim como solicitando a adesão ao debate no site www.historia.life.

⁴ No site www.historia.life, além de divulgarmos nossa pesquisa, disponibilizamos formas de depoimento online através de texto, áudio e voz.

⁵ SOARES, D. D. R., KOBELINSKI, M. S.; SANTOS, I. M.; GOULARTE, L. G. **Histórias, Artes e Públicos**. 2021. Curso de extensão universitária vinculado ao colegiado de História da Unespar, campus de União da Vitória (20-26/03/21)

PERFORMANCES ARTÍSTICO-FOTOGRAFICAS E SENSOS DE HISTÓRIA EM ENGENHEIRO BELTRÃO - PR

*O corpo que sente
E persiste em maltratar
A alma que por si ecoa
O arder de um caminhar/
O olhar que nem mente
A maneira com que afeta
A forma como dilacera
Só faz inspirar o poeta/
De nada me ensina o sentir
Cada dia só me faz sofrer
Talvez por não ter aprendido
Às vezes vejo o apodrecer/
Ao passo que a pele sente
Tudo que me tira do suporte
A força que tinha aqui dentro
Levaram junto com a sorte
(Bianca Dal Pont dos Reis, 2022)*

Introdução

A ampliação das pesquisas em história pública abre um leque de possibilidades e meios para praticá-la.⁶ Essa intensificação progressiva ganha força através da interdisciplinaridade. Não são apenas historiadores que fazem parte desse quadro de ações, mas também, artistas, geógrafos, ecologistas, etc. Esses profissionais contribuem com visões, experiências, memórias e criatividade a fim de estabelecer diálogos e relações com as audiências, enriquecendo e contribuindo para com o campo da história e das artes.

A ideia central deste texto é relacionar as questões conceituais com os aspectos práticos de interações realizadas na cidade de Engenheiro Beltrão-PR.⁷ Ao trabalhar com o público em geral, representantes da administração pública, professores e alunos do Ensino Fundamental valorizamos experiências pretéritas e presentes, sua carga histórica,

⁶ O presente artigo será apresentado à revista História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). O projeto com o título original, História Pública e lugares de memórias: fotografia, arte e interpretação do passado em Engenheiro Beltrão (PR) foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética, sob o registro CAAE: 40389620.60000.9247.

⁷ O município e Engenheiro Beltrão se situa no Noroeste do estado do Paraná, entre Terra Boa, Peabiru, Quinta do Sol, Itambé, Floresta e Ivatuba. Possui uma população de 13.906 habitantes, dentro de uma área de 467,257 km² (IBGE, 2010). O município é essencialmente agrícola. Seu surgimento se deu com a *Sociedade Técnica e Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda* (1949), sob a coordenação de Alexandre Gutierrez Beltrão, que também fundou Tamboara, em 1947 (KASTER, 2019, p. 27). Os “reocupantes” (ao invés do termo “colonizadores”) se instalaram em 1932, em áreas com a presença de indígenas e caboclos (KASTER, 2019, p. 29; Carvalho, 2004). De acordo com Kaster, 2019, p. 79 et. seq., na década de 1930, Alexandre Gutierrez Beltrão e Francisco Beltrão eram irmãos, engenheiros e sócios da do *Escritório Técnico Beltrão*, provocando dúvidas em relação às cidades que eles fundaram. Segundo depoimentos familiares, Alexandre se recusou a colocar seu nome na cidade com o objetivo de homenagear tanto a profissão que exercia quanto o sobrenome da família.

historiográfica e emocional. Ao explorar as relações entre audiências e espaços públicos procuramos entender formas de atuar e perceber o próprio cotidiano de forma individual, coletiva e pública. Esses espaços são importantes para a interação entre as pessoas através de práticas históricas e artísticas engajadas nas quais a mediação, a reflexão e a circulação pública podem ser estabelecidas a partir das interfaces História Pública e Arte Pública, associadas à oralidade (DALLET, 2017).⁸

Os espaços públicos Parque da Gruta, Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e o Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama, elegidos para esta pesquisa, diferenciam-se na paisagem urbana de Engenheiro Beltrão-PR por serem revestidos de muitos significados. Aqui, trazemos à tona alguns deles, que apesar de contíguos, são heterogêneos. Trata-se de lugares em que as pessoas podem passear, ler um livro, conversar, meditar, orar, aprender, praticar exercícios físicos ou mesmo ignorar o próprio passado neste lugar do quadro urbano da cidade. Nesta perspectiva, como a ausência de performances no espaço público contribui para a negligência e o esquecimento dos espaços públicos?

A questão levantada é pertinente, pois neste lugar são desencadeadas formas de saber, sentimentos, sentidos de passado, de lugar e de história, materializando narrativas contraditórias e confrontos sociais.⁹ O *senso de história* - aqui compreendido como senso de passado, de lugar e de história - é a capacidade ou a condição de evocar memórias, experiências pessoais e coletivas, as quais moldam a compreensão de lugares, do passado e da narrativa histórica. Por *senso de passado, de lugar e de história* entenda-se a inter-relação entre as percepções gerais do público sobre o tempo e o espaço, e a narrativa historiográfica. Por sua natureza dual e mutável, suas afetações interferem na forma como as pessoas se conectam com o passado e os lugares históricos, influenciando tanto a construção de identidades quanto a compreensão dos eventos e contextos históricos. Para Glassberg (2001, p. 6) se trata da interseção entre o íntimo e histórico, onde “os eventos passados de natureza pessoal e pública estão entrelaçados, de modo que as histórias públicas se repercutem com força, e surpreendentemente” nos espaços públicos.¹⁰

⁸ Ver também Corte, Andréa T. da et al. Como fazer a história local se tornar história pública e para quem? In: ALMEIDA, J. R. de, RODRIGUES, Rogério Rosa. **História Pública em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2021, p. 89-102; Abreu, 2015; e Costa de Oliveira, 2010. Existem várias linhas de pensamento e várias perspectivas em arte pública; neste trabalho adotamos a ideia de desenvolvimento do espaço urbano através das artes e seu aspecto inclusivo, ou seja, é a arte pública de nova geração, que privilegiando tanto a interação entre artistas e públicos quanto a defesa do patrimônio histórico e suas funções cívica, utilitária e lúdica.

⁹ Ver LEITE, R. P. (2002). Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 115-134.

¹⁰ DAVID, Glassberg. **Sense of history**: The Place of the Past in American Life. University of Massachusetts Press, 2001.

Por outro lado, a performance é aqui entendida com uma abordagem artística que mescla diferentes elementos e diálogos para criar uma experiência subjetiva e rica em detalhes históricos, emocionais e culturais. Performar é incorporar a arte de forma íntima e apresentá-la ao público, mantendo-a viva e autêntica (CAETANO, 2019, p. 39). Ela também diz respeito à colaboração, permitindo que o público contribua significativamente para a experiência artística, realizando uma ação, atividade ou comportamento, buscando sucesso ou destaque. Segundo Schechner (2013, p. 28) “Nos negócios, esportes e sexo, *fazer* é fazer algo até um padrão - para ter sucesso, para se sobressair. Nas artes, *performance* é dar um show, uma peça de teatro, uma dança, um concerto. Na vida cotidiana, *atuar* é exhibir-se, ir aos extremos, para sublinhar uma ação para aqueles que estão observando”. Portanto, a performance envolve formas de *ser, fazer, mostrar como fazer e explicar como fazer*. Em nossa abordagem, trata-se de performar a história, o passado e a memória através de ações estabelecidas nos espaços públicos da cidade (parque, gruta e museu). Como pensar esses temas e mobilizar tais experiências é o que nós propomos aqui. A partir destas perspectivas interrelacionadas à heterogeneidade do espaço urbano em Engenheiro Beltrão e os sentidos de passado, lugar e história, levantamos as seguintes questões: Como moradores e alunos de Engenheiro Beltrão concebem esses lugares? Que memórias, registros visuais, apreensões estéticas e performances são compartilhadas? Que lembranças os moradores e alunos de Engenheiro Beltrão têm dessa paisagem urbana?

À deriva

O poema em epígrafe da escritora beltronense Bianca Dal Pont dos Reis, colaboradora de nosso projeto, traz algumas respostas, uma vez que trata dos temas corpo e alma a partir da ideia da “jornada pública na escrita”.¹¹ Em síntese sua performance poética extrapola o ato de escrita solitária, desprovida de sonoridade. Abrange tanto a criatividade, técnica, transmissão de vivências e visões de mundo, além de possibilitar a interação e o compartilhamento – de ideias e sentimentos - entre pessoas. A transmissão de conteúdo poético abarca um senso de passado, de lugar e de história, isto é, o “arder de um caminhar” pela cidade e pela memória - própria da autora e de uma compreensão de um passado recente traumático -, mas que

¹¹ DOS REIS, Bianca dal Pont, **Não abra, são sentimentos**. Maringá: S. Ed., 2022. Disponível em: <https://ra110626.wixsite.com/saosentimentos> Bianca é graduada em Comunicação e Mídias pela Universidade Estadual de Maringá, comunicóloga, escritora e roteirista audiovisual.

também tensiona seu conteúdo sensível para várias plataformas, estimulando as pessoas a projetarem seus sentimentos em um espaço ou circuito público literário na internet.

Em Reis (2022) a relação estabelecida entre poema e mídias digitais funciona como uma espécie de gatilho cultural, motivador comunitário que mistura as funções de autoria, de leitura e de audiência. Esse tipo de interação proposta pela autora pode ser relacionada ao conceito que Pierre Lévy chama de inteligência coletiva, entendido como método de trabalho colaborativo em meio digital, que movimenta e interrelaciona interpretação, articulação e criação através de um lugar social e de democracia participativa, lugar onde se fundem e revitalizam as inteligências individuais.¹² O desafio de um projeto desta natureza é considerável pela profundidade de seu conteúdo, pela ampliação do seu círculo de interações e pelo seu uso neste trabalho enquanto modos de *ser, fazer, mostrar como fazer e explicar como fazer*. A ideia de “narração transmidiática” é relevante, pois atualmente se constata novas exigências para o público consumidor, entre elas a sua participação ativa, sendo o seu conteúdo desenvolvido “[...] em múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto fazendo uma contribuição específica e valiosa para o todo” (JENKINS, 2008, p. 31).¹³

O tom intimista de *O corpo que sente* se inspirou nas lesões físicas nos joelhos da autora que a afastou das atividades cotidianas e esportivas, em espaços privados e públicos. Suas dores têm a intenção de mobilizar as audiências virtuais diante da incapacidade de locomoção, interação e exploração dos espaços ao seu redor: “Tanto sofrimento vira alimento para a escrita que surge dessa temática. A intenção é que com a leitura, de certa forma, você possa abrir espaço para que suas próprias dores te levem a um encontro consigo mesmo e se aproximem do que os versos tentam expressar” (REIS, 2022, p. 4). A interação com a poetisa nos faz ponderar sobre a ideia de acessibilidade – incluindo o período de reclusão durante a pandemia do Covid-19, de abandono e de vandalização do espaço público, ou seja, museu, parque e gruta. Atualmente o museu está fechado e não consta nos *Equipamentos Culturais do Caderno Estatístico Engenheiro Beltrão* (IPARDES, 2020, p. 6). O argumento esdrúxulo usado para o seu encerramento foi o de que ele não representava a história da cidade, sendo que os demais espaços têm livre acesso e são vistos pelos administradores como viáveis porque são mais palpáveis ao público. Como enfatizam Valim, Avelar e Bevernage (2021) o

¹² LÉVY, P. Pour l'intelligence collective. **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 1995. Disponível em: <<http://www.monediplomatique.fr/1995/10/LEVY/1857>>.

¹³ JENKINS, Henry. **La cultura de la convergencia de los medios de comunicación**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2008. Ver especialmente o capítulo En busca del unicornio de papel: Matrix y la narración transmediática.

negacionismo se refere a múltiplas falas, práticas e representações, “mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis”.¹⁴

A ideia de “cultura das bordas” é oportuna na medida em que falamos de “níveis de inserção e circulação de criações culturais”, ou seja, do acesso à produção cultural pelo público, visando despertar a consciência e inspiração das audiências pela leitura, principalmente.¹⁵ O exemplo de socialização de depoimentos e de programas de entrevistas em museus brasileiros, bem como o circuito de retroalimentação cultural entre centro e periferia, igualmente serve para reafirmar o potencial da poesia *O corpo que sente* por possibilitar o acesso e o uso por parte dos moradores de Engenheiro Beltrão. É uma faceta relacional entre as perspectivas individual, coletiva e historiográfica. Para nós, em termos coletivos, o sentido poético de *tempestade* pode muito bem denotar os sentidos contraditórios de passado para o Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama, que foi da valorização ao abandono, tanto do espaço físico quanto de seu acervo, embora seus traços permaneçam nas *lembranças* e em sua materialidade. A expressão *à deriva nessa cidade* após a tempestade, não se refere apenas a uma questão pessoal, mas também revela uma crítica velada, uma vez que o público não teria rumo, energia ou “vontade” sobre a gestão dos recursos públicos e a manutenção de um importante lugar de salvaguarda da história da cidade.¹⁶

Desertos da memória e da história

Em 2012, o periódico **Tribuna do Interior** (14/07/2012) noticiava a renovação do Parque do Santuário da Nossa Senhora da Rosa Mística, o qual permaneceu em estado de abandono por oito anos, sendo, à época, frequentado por indivíduos consumidores de entorpecentes e alvo de atos de vandalismo contra imagens sacras, além episódios de violência contra mulheres. Houve a celebração de uma missa ao ar livre, e o montante investido na revitalização do espaço perfazia a cifra de R\$150.000,00, advinda de emendas

¹⁴ VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá, Bevernage, Berber. Apresentação. *Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa*. Rev. Bras. Hist. 41 (87), may-aug 2021, p. 15.

¹⁵ SANTHIAGO, Ricardo. *História Oral e História Pública: museus, livros e cultura das bordas*. In: **Depois da utopia**. São Paulo: Fapesp; Letra & Voz, 2013, p. 131-140.

¹⁶ DOS REIS, 2022, Op. cit., p. 11: “No meio da tempestade/ Eu me vejo assim pela metade/ Esperando uma resposta/ que possa me levar daqui/ No meio da tempestade/ Eu perdida em saudade / Escorro em doces lembranças/ Que já não pertencem a mim/ No meio da tempestade/ Eu com essa pouca idade/ Sem tudo que um dia quis/ Me vejo infeliz/ No meio da tempestade / À deriva nessa cidade / Revivo minhas memórias/ E sorrio para não partir”. Em termos coletivos, não temos dúvidas de que os sentimentos de apatia e de tristeza profunda se ampliaram com a pandemia do Covid-19, quando a população não pode frequentar ou usufruir dos espaços públicos.

parlamentares, além de R\$140.000,00 provenientes do Ministério do Turismo destinados à construção do Museu Yutaka Kitayama.

Ampliando as perspectivas da memória pessoal, as fotografias que veremos mais adiante (em *plano geral*) caracterizam os *desertos da memória e da história*, isto é, o estado de abandono do Museu Yutaka Kitayama e, simultaneamente evidenciam antagonismos conceituais e políticos entre os gestores do município (Figuras 4, 5 e 6). O abandono e o vandalismo são alguns exemplos vigorosos que contribuem para a degradação dos espaços públicos. Praças, museus, jardins, bibliotecas, devem oferecer práticas esportivas, diversidade cultural, arte e segurança para a população. Portanto, eles devem ser bem administrados porque estão ligados às identidades, às lembranças memoráveis de famílias, acontecimentos importantes e ao desenvolvimento social e econômico da cidade. E se “o espaço público vai além da rua, é porque só se torna público a partir das ações que dão sentido a determinados espaços e também são influenciadas por eles”.¹⁷

Em termos sociais o Museu Yutaka Kitayama evoca essas relações de reciprocidade entre ação, sentido e lastros memoriais por meio de palavras, fotografias, filmes e objetos, entre outros. Sendo uma memória individual, coletiva e ao mesmo tempo seletiva, negociada e conciliada ela pode ser reavivada na medida em que lida com o sentimento de pertencimento, relações sociais, acontecimentos e formas de concebê-los (POLLAK, 1992; HALBWACHS, 1990, p. 26). A postagem do Jornal Enfoque Regional (29/06/2012), intitulada “Governos Municipais inauguram Museu Histórico e entregam revitalização do Parque da Gruta” engloba tanto as relações entre as memórias individuais e coletivas quanto os usos do passado em ambiente de fruição pública em Engenheiro Beltrão. A criação do museu, a revitalização do Parque Municipal e do Santuário “Nossa Senhora da Rosa Mística” lembra relações complexas entre o público e as coleções do museu municipal, entre o público e os espaços de lazer e expressão da fé. Através do Jornal Enfoque Regional constatam-se articulações entre vivências, transmissões e aprendizagens, como as do prefeito em exercício, na época, Elias de Lima: “o nome de seu Yutaka Kitayama tem muito a ver com essa história pela grande contribuição que deu em vida a nossa cidade. Tenho certeza de que esse é um dia importante não só para nossa administração, mas para todos os beltrãoenses” (JORNAL ENFOQUE REGIONAL, 2012, spp.). Logo, o abandono desse espaço significa a ruptura com a afetividade da comunidade pelo seu próprio passado e, por conseguinte, uma atitude descuidada para com o passado, com a história e com sua cultura visual.

¹⁷ ANDRADE, Luciana Teixeira de, JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrôpole** 21, 2009, p. 131-153.



Figura 4: Fachada do museu desvalido, 2022.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 5: Portas de acesso ao interior do museu abandonado, 2022.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 6. Interior do museu descomposto, 2022.

Fonte: Acervo da autora

Estes elementos de “fotografia documental” com o tema abandono têm caráter social e possibilitam despertar a consciência das pessoas sobre os espaços públicos, além de caracterizar situações, comportamentos, mudanças físicas e administrativas ocorridas na cidade. Aliás, esse tipo de registro visa “narrar uma história por meio de uma sequência de imagens [...], problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão”, vinculadas à estética e à mediação entre pessoas e lugares (Lombardi, 2008, p. 37).¹⁸ Em equivalência à dimensão pública destas imagens, registramos em *plano médio*, durante o período pandêmico, os espaços contíguos ao museu municipal a fim de compará-los e, ao mesmo tempo, organizar nossas ações com as audiências. (Figuras 7, 8 e 9). Neles, nota-se um amplo espaço de circulação com predomínio de área verde, além de possíveis contatos e contemplação da natureza (árvores, gramado, aves e peixes), motivada sobretudo pelo repensar sobre nosso estilo de vida durante a reclusão em tempos de pandemia do Covid-19. A preocupação estética com esses espaços amplos gera uma falsa sensação de bem-estar em comparação com o espaço museal e um descaso com a história da cidade.

¹⁸ LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. In: **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 35-58, 2008.



Figura 7. Entrada do museu, 2022.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 8. Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística, 2022.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 9. Ponte do parque da Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística, 2022.

Fonte: Acervo da autora.

Os lastros memoriais e históricos de que falamos também passam pela “atitude historiadora”, a qual incorpora o conhecimento e sua difusão, interações entre historiador e público, como também, processos dialógicos delas resultantes (MAUAD, 2018, p. 38-39). Ali, mais do que tudo, os gatilhos fotográfico-memoriais apontaram para elementos objetivos e subjetivos sobre o museu. As imagens da inauguração e de abandono fazem parte de uma memória visual da cidade de Engenheiro Beltrão, mesclando trocas de experiências e lembranças, reforçando laços afetivos e identitários, além de terem função política, onde a disputa pela memória, pela história e pela opinião pública se fazem presentes de modo direto e indireto (MACHADO, 2015; MAUAD, 2013, p. 13). Neste sentido, o historiador público deve ficar atento às imagens capturadas, aos códigos, sentidos e representações, os quais podem evocar pela memória individual ou coletiva, formas de “ver e pensar” (MAUAD, 2015, p. 83).

Os registros visuais que apresentamos sobre o museu, o parque e a gruta, veiculados pelos meios de comunicação são documentos preciosos com amplo potencial de difusão na memória social e na opinião pública: “As centenas de pessoas que estiveram na inauguração ficaram encantadas com a grande transformação feita no local, que voltou a se tornar após anos, o cartão postal da cidade; um espaço de lazer e de orgulho para as famílias beltrãoenses” (JORNAL ENFOQUE REGIONAL, 2012, spp.). Estes registros visuais e escritos implicam em uma visão política que procura estabelecer conexões com a comunidade enfatizando um ideal de desenvolvimento e de urbanidade, através dos quais se apresentam ao público o usufruto e a interação das pessoas nos espaços públicos propiciados pelos seus administradores.

Na inauguração do museu municipal, Elias Lima enfatizou a ideia de “resgatar a história do município”, lembrar das “dificuldades passadas por nossos pioneiros”, além de reconhecer a figura pública do ex-prefeito José Orlando Romero, que tinha inaugurado, em 1994, a Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística (JORNAL ENFOQUE REGIONAL, 2012, spp.). Essa ênfase na história do lugar e de seu patrimônio a ser “resgatado” valoriza a ideia de lugar de memória e de arte pública por amalgamar elementos materiais e imateriais, racionais e sensíveis, elementos funcionais e simbólicos, experiências físicas e mentais (Nora, 1993, p. 21-22). Tanto o Jornal Enfoque Regional (2012) e Viaje Paraná (Governo do Estado do Paraná) comportam cristalizações plurais do passado, uma vez que as imagens e os

discursos revolvem paisagens presentes e pretéritas. Não se trata de negar o passado, mas de escondê-lo, à vista de todos os moradores.

As memórias do fundador da cidade - Alexandre Gutierrez Beltrão (1896-1987) - sobre a região, na década de 1940, reavivam um imaginário idílico para os interiores do Paraná, isto é, entre Paranavaí, Campo Mourão e Engenheiro Beltrão, a partir da capital paranaense, onde a família residia.¹⁹ Eleonora, filha de Alexandre, detalha suas férias na chácara, em Ibiporã-Pr:

Mesmo porque o meu pai continuou trabalhando na região [em projetos de colonização] e a sede de trabalho dele sempre foi aqui em Ibiporã. Ele ia para Engenheiro Beltrão, para a região de Paranavaí, Campo Mourão, Tamborara e sempre voltava para cá, porque a família estava aqui [na chácara]. Era muito bom, muito agradável. Aqui tinham vacas, a gente tirava leite, tinha cavalos para a gente galopar, muita fruta, a gente fazia casas nas árvores” (BARCIK, 2015, apud KASTER, 2019, p. 147-148).

As memórias afetivas de familiares espalhados por cidades do Norte e Noroeste paranaense (Apucarana, Londrina, Ibiporã) se referem ao período de férias, nas quais se destacavam à vida rústica no campo, a fertilidade da terra vermelha, ao cotidiano da vida no campo e suas florestas, as quais contrastavam com as imagens da capital paranaense, onde residiam e estudavam a maior parte do ano. No entanto, a modernidade estava presente através de lembranças da ferrovia e do trem (Maria Fumaça) e a mobilização que provocava nas pessoas da localidade. É importante lembrar que desde fins do século XIX, o engenheiro André Rebouças (1838-1898) denunciava os rastros de destruição da natureza nos sertões do Paraná e do Brasil. Ele preconizava uma ideia de nação brasileira pautada em investimentos na infraestrutura, atração de imigrantes, colonização e valorização da natureza, a qual não sabíamos aproveitar. Os exemplos vinham dos norte-americanos com as Rocky Mountains e com o parque nacional de Yellow-Stone”. Para ele, nós poderíamos fazer o mesmo. As Sete Quedas, as Cataratas do Iguaçu, a ilha de Sant’Ana do Bananal, os rios Araguaia, Tocantins, Amazonas, São Francisco, Parnaíba, os vales dos rios Tibagi, Paranapanema, Ivaí e Iguaçu, poderiam “ter navios a vapor e vias férreas”, desenvolvendo o turismo e o país.²⁰

As paisagens do início da colonização de Engenheiro Beltrão estimularam as representações posteriores, embora que de forma tradicional e acrítica. Com esse reencarnar

¹⁹ Alexandre assumiu a Prefeitura Municipal de Curitiba, a convite do Interventor Manoel Ribas, em 1941. Ver MOREIRA, Regina da Luz. RIBAS, Manuel (interv. PR). In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ribas-manuel-interv-pr>; ver também, Kaster, 2019, op. Cit, p. 26.

²⁰ Ver KOBELINSKI, M. História, sensibilidades e paisagens: notas sobre as apreensões de Elisée Reclus, Nestor Borba e André Rebouças. **Escritos sobre História**. São Paulo: Annablume, 2013, v. 1, p. 113-131.

da história, podemos entender a paisagem como uma construção sociocultural maleável e imaginária (Figuras 10 a 14). Veja-se, por exemplo, que as associações entre a história e a memória aparecem na metáfora “sombras do passado”, entre agricultores de Engenheiro Beltrão, entre 1947 e 2003 (Carvalho, 2004). Ali, destacam-se testemunhos sobre a devastação da natureza e sobre os poucos remanescentes florestais no município. Naquele momento, para os agricultores entrevistados, a floresta original era percebida como “sertão”, lugar despovoado, cheio de desafios e perigos, embora pleno de recursos que dariam origem à cidade e à memória do lugar. Em analogia, com o processo de devastação, os testemunhos evidenciam um dilema ético entre o esquecimento do que foi o sertão e a devastação florestal, comportando o sentimento de pesar pelas grandes perdas da flora e da fauna.



Figura 10 Museu Yutaka Kitayama: caixa registradora.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.



Figura 11 Museu Yutaka Kitayama: instrumentos agrícolas.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.



Figura 12 Museu Yutaka Kitayama. Fotografia do acervo.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.

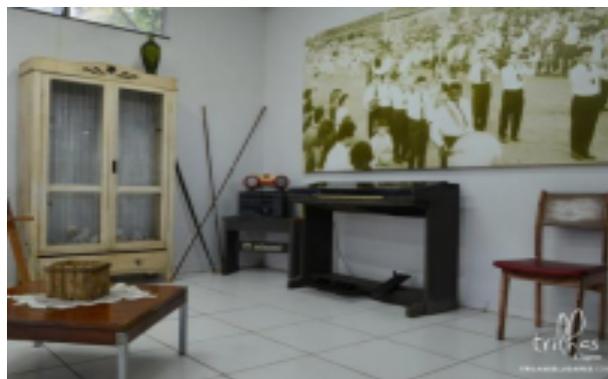


Figura 13. Museu Yutaka Kitayama, Vista interna.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.



Figura 14. Museu Yutaka Kitayama, Vista interna; projetores de cinema.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.

No Museu Yutaka Kitayama a caixa registradora, as ferramentas agrícolas, a fotografia de agricultores em pleno trabalho, o mobiliário diversificado e projetores de cinema materializam a história da cidade e nos estimulam a repensar a modernidade e a vocação agrícola do Estado do Paraná, especialmente em terras potencialmente produtivas. Os espaços ao redor do museu complementam os argumentos de uma história tradicional e um retorno ao imaginário edênico. O domínio da natureza, materializado no parque, pautando-se sincronicamente com a religiosidade, assenta-se na condição dos trabalhadores em sua busca pela felicidade, mesmo que no espaço urbano de uma cidade interiorana. O que sobra desse processo de colonização são resíduos e interesses contraditórios, cuja negação abrange pontualmente populações consideradas subalternas, como por exemplo, as populações

indígenas e de descendência africana. As lembranças e suas transmissões plurais através do tempo foram canalizadas para uma memória visual que oscila entre a decadência e o desenvolvimento. O museu, a gruta e o parque enquanto espaço geminado, caracterizam-se como cristalizações de um passado antinômico. Não somente pela relação entre fotografia e memória, mas como *lócus* de representação do passado, ou seja, relaciona arte (pintura), espaço público e memória como elementos de condescendência e contraste.

E se a arte pública tem lugar de destaque e de contestação na sociedade contemporânea (CARTAXO, 2009, p. 8), em Engenheiro Beltrão os estímulos ao engajamento coletivo são limitados. Em geral, seu uso se restringe ao cortejo de uma história tradicional que valoriza “os colonizadores”, exclui a presença de indígenas e caboclos, adotando o modelo romântico da vida no campo, apresentando às audiências um processo civilizacional em curso e sem qualquer discrepância (Figura 15).

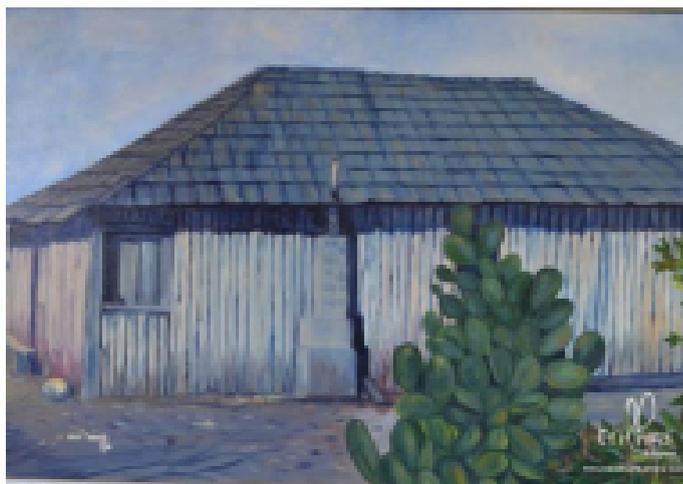


Figura 15. Pintura “Casa rústica”; acervo do Museu Y. Katayama.

Fonte: Gentileza de Trilhas e Lugares/2020.

E se a pintura “Casa rústica”, por exemplo, reporta-se às lembranças dos tempos primordiais do município, podemos ir além das reminiscências e, junto com a fotografia, promover a arte nos espaços públicos, levando em conta seus efeitos estético, sensível e crítico. Tornar a arte pública é promover o acesso e a inclusão de todos, abrangendo espaços urbanos e naturais. Cabe ao historiador estabelecer mediações, levando em conta as emoções, a criticidade, o acesso, a contemplação e a crítica pública. A ideia de arte pública, como já afirmamos, abrange espaços de circulação de público e sua vinculação como público de arte (ALVES, 2008. p. 5). Ela é essencial e tem se mostrado cada vez mais presente na lista de

consumo das pessoas. Ela se torna alvo de inúmeras apropriações, inclusive pelas políticas partidárias, as quais podem valorizá-la ou depreciá-la, como vimos até agora. Diante da atual situação, podemos nos aproveitar dessa epifania e estimular a preservação do patrimônio público, dando-lhe visibilidade pública e possibilitando reflexões.

Reconexões com o passado

A fundação do Museu Yutaka Kitayama ocorreu graças ao empenho de políticos e gestores públicos comprometidos com a história local. Porém, ao longo do tempo, seu abandono levantou questionamentos importantes sobre o seu destino. Ao entrevistar Nilson Kitayama, considerei a perspectiva de Vera (2015) sobre o entrelaçamento entre história oral e arte, tanto como campo de saber quanto como instrumento metodológico porque eles lançam luzes sobre os processos criativos e sua manifestação em espaços públicos.²¹ A entrevista tratou dos diversos dilemas em torno do município de Engenheiro Beltrão como espaço de preservação da memória e da história, problemas em relação à estrutura física, ausência de acessibilidade, salvaguarda e curadoria de seu acervo. A inspiração e denominação do museu, segundo Nilson Kitayama, são resultados tanto do trabalho de seu pai na comunidade beltronense – considerado como um dos fundadores do município pela narrativa histórica dos *pioneiros*-, quanto do desejo da própria sociedade por um espaço com essa finalidade:

Acredito que em algum momento da Gestão Pública de Prefeitos anteriores, comprometidos com a preservação fidedigna da história do Município resolveu destinar um espaço para acomodar o acervo que encontrava-se sem local apropriado. A Prefeitura Municipal resolveu instalar a Casa da Cultura no Município, para tanto, foi utilizado um imóvel de propriedade da Prefeitura e construiu-se um Prédio para fins culturais. A Casa da Cultura. Esta, dentre outros espaços destinou uma sala para acomodar objetos históricos relacionados ao Município. Passada essa gestão, devido aos poucos recursos da Prefeitura para a construção de locais apropriados para seus serviços, o prédio da Casa da Cultura desviou sua função e passou a acomodar a Secretaria Municipal de Educação com o slogan de que *Educação e Cultura* são *atividades correlatas*. Com isso, o acervo histórico foi relegado a sorte e guardado num almoxarifado. Mais adiante, a Casa da Cultura deixou de acomodar também a Secretaria Municipal de Educação que mudou-se para outro local, para que ali fosse instalado o Polo de Apoio Presencial. O Município havia firmado acordo com o MEC e Universidades Estaduais da Região para atender os dispositivos do Plano Nacional de Educação quanto à necessidade de viabilizar formação em nível superior aos Professores da Educação Básica atuantes no Ensino da Educação Infantil e Ensino Fundamental, anos iniciais. O local passou a ser utilizado para o Ensino a Distância e a Casa da Cultura deixou de existir. Em algum momento, o local onde era guardado o acervo histórico, precisou ser usado para outro fim. O Prefeito Municipal da época e o Secretário Municipal de Educação a pedido de alguns membros da Comunidade com base também no desejo de acadêmicos do

²¹ VERAS, Eduardo. História oral e história da arte. Aproximações. In: SANTHIAGO, Ricardo. **História Oral e Arte: narração e criatividade**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, 137-162.

Curso de História ofertado no Polo de Apoio Presencial, buscaram recursos para que fosse instalado no Município um Museu. E isso aconteceu. O Museu teve enfim um local específico para acomodar o acervo histórico. Só que a construção foi realizada no Parque da Gruta, um local pouco apropriado, pois é distante da cidade e isso dificultou o acesso de pessoas e estudantes e inviabilizou a sua manutenção.²²

O abandono do Museu Yutaka Kitayama gerou um impacto negativo, uma vez que a desvalorização da história local, a precarização e depreciação de seus bens materiais, a interrupção de atividades artístico-culturais, interromperam a conexão da comunidade com seu passado. Esta situação é marcada pela desinformação, ausência de conscientização sobre o tema, indiferença, conformismo ou mesmo medo de retaliação política, especialmente nestes tempos de polarização político-partidária. Ora, estas questões dizem respeito ao posicionamento do historiador e do artista, os quais implicam no uso da *história oral como prática reflexiva* a fim de valorizar lembranças e narrativas dos depoentes e, ao mesmo tempo, problematizar o discurso negacionista em torno do museu municipal (SANTHIAGO, 2016, p. 9). De que adianta um museu inacessível para a comunidade? Nilson Yutaka (2023) alerta para a importância de iniciativas institucionais e financeiras, além da criação de oportunidades de envolvimento social da população na gestão da coisa pública. São necessárias políticas públicas voltadas para a cultura, ações estratégias visando a reabertura e a manutenção do museu, incluindo ações da Secretaria Municipal de Educação, da comunidade e a realização de atividades com estudantes:

A Secretaria Municipal de Educação tem condições de viabilizar a reabertura do Museu por meio da valorização do mesmo. Pode-se fazer um chamamento público para o retorno; viabilizar atividades com os estudantes no local; propor a transferência do acervo do Museu para um local na cidade (acredita-se que o maior fracasso do Museu reside no local onde está instalado). É uma área rural onde é inviável manter um profissional para manter o acervo e receber o público visitante.

A reativação e a manutenção do Museu Yutaka Kitayama são desafios urgentes e necessários para a população do município de Engenheiro Beltrão. O diálogo entre história pública e arte pública podem valorizar a mediação e as práticas educativas inventivas, as quais visam a democratização dos espaços público-privados, olhares estéticos e poéticos em meio a diversos tensionamentos sociais (ROMAÑA DÍAZ & MUNHOZ, 2019). Em nosso entendimento, é crucial desenvolver políticas públicas e ações estratégicas que envolvam a sociedade, promovam a educação e a conscientização, e estabeleçam um diálogo entre história pública, história oral e arte pública, visando a democratização e valorização dos espaços

²² Nilson Yutaka é filho de Kitayama. Entrevista concedida para a pesquisa por KITAYAMA, Nilson. **Entrevista**. [jan. 2023]. Entrevistadora: Danieli Dias Rangel Soares. Engenheiro Beltrão, 2022.

culturais e a conexão entre o passado e o presente através do museu e de ações educativas, artísticas e históricas.

Performance e proatividade

A arte pública preza o contexto histórico, social e cultural de seu lugar, sua vinculação com a história da cidade, a problematização de seus componentes estéticos e éticos, a participação do público (ABREU, 2005, p. 228). Não podemos dissociá-la da história pública, que comporta práticas diversificadas, criação de um ambiente estético de compartilhamento e ampliação dos sentidos de história com objetivos comunitários (DALLET, 2017). Ambas abrem possibilidades variadas de correspondências e interações entre o historiador, artistas e público, além de performatividades que envolvem as noções de passado, de lugar e de vivências pessoais e comunitárias, que ora se aproximam e ora se contradizem. A dimensão histórica é fundamental para a formação da identidade, da consciência coletiva e do engajamento (performance), bem como para o desenvolvimento da reflexão histórica acerca do homem e da sociedade.

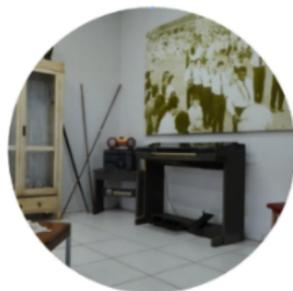
Performar a história significa que o historiador deve ir às “ruas” e se aproximar da vida cotidiana das pessoas e se envolver com as questões sociais em seu contexto. Trata-se de um performar junto, que implica em sair do ambiente acadêmico e buscar a participação em projetos culturais e artísticos, compartilhando, de certo modo, uma autoridade. Com essas atitudes o historiador abre espaços para que outros atores sociais, tais como artistas e membros da comunidade, possam se expressar e contribuir para a construção de narrativas artísticas e históricas inclusivas e plurais. Não é fácil estimular a reflexão crítica sobre a sociedade atual e promover a inclusão social por meio de ações, diálogo e troca de experiências. No entanto, o papel do historiador é agir como um mediador entre o passado e o presente, entre a academia e a sociedade, buscando tornar a história um instrumento eficaz para a transformação e mobilização social (CERTEAU, 1994; ANDREW, 2010, p. 37).

O filtro convergente dos campos da história pública, arte pública e oralidade nos permitiu compreender algumas percepções artísticas, estéticas, poéticas e científicas sobre os espaços públicos do museu, do parque e da gruta, em Engenheiro Beltrão. No entanto, permanecia o problema de seu reconhecimento no espaço público e a reivindicação de uma histórica local como prática dinâmica, colaborativa e performática (DEAN, 2018; MATTOS & CASTRO, 2016).²³ Logo, estimulamos reflexões e atividades sobre a história do município

²³ David Dean, professor das Universidade de Carleton, Ottawa, tem tratado do tema performance desde 2002, no mestrado em Artes. Suas pesquisas incluem cinema, fotografia, dança, teatro, plataformas digitais, entre outras.

de Engenheiro Beltrão através de performances histórico-artísticas em espaços presenciais e virtuais, partindo do princípio de que a preservação da cultura e da vivência local é um “veículo ideal para envolver as comunidades na interpretação histórica e direcionar a reconstrução para fins definidos localmente” (ANDREW, 2010, p. 54). Neste processo seguimos dois caminhos que nos pareceram viáveis para privilegiar tanto ações no meio acadêmico quanto ações com as audiências.

Num primeiro momento, o evento online *Artes e Públicos: Oportunidades e Desafios* teve como escopo valorizar as intersecções existentes entre as artes e a sociedade. O lançamento de um projeto para e com o público, denominado *Fotografia e arte como lugares de memória*, objetivou articular e integrar perspectivas inerentes à arte pública e à história pública, promover a criatividade, aumentar a conscientização para os espaços públicos da cidade (parque, gruta e museu), através dos processos colaborativos na web.²⁴ (Figura 16 e 17) Como bem destaca Dallet (2017) ações nesta direção ajudam a informar e inspirar historiadores, artistas e público a trabalharem juntos de forma colaborativa e criativa, estimulando e fomentando o diálogo, publicização de expressões artísticas, memoriais e históricas.



Fotografia e arte como lugares de memória

Neste projeto estudamos os lugares públicos da cidade de Engenheiro Beltrão (PR). A partir da fotografia e da arte pesquisamos como os moradores desta cidade constroem suas memórias sobre esses espaços e sobre a história da cidade. Nosso desejo é refletir e interagir com o público para produzir novos olhares e reflexões sobre o Parque da Gruta e Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e sobre o Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama.

(clique na imagem para prosseguir)

Ele define o termo performance como “Respondendo à *virada afetiva*, os historiadores públicos têm estado na vanguarda da *virada performativa* nas humanidades. Partindo da posição de que todas as atividades humanas são realizadas como representações encarnadas, se pensarmos nas práticas da vida cotidiana ou nos enquadramentos mais formais, como no teatro, música, cinema e dança, performance e performatividade, tornaram-se formas valiosas para se pensar a história pública. A incorporação da história através da performance abrange formas de representação que antecedem a formalização e a institucionalização do campo. A performance e a performatividade sempre fizeram parte de como o público se envolve com o passado”, Dean, 2018, p. 5-6.”

²⁴ O evento foi organizado por professores da Universidade Estadual do Paraná – Unespar na modalidade online, e ocorreu entre os dias 19, 22, 25, e 26 de março de 2021. Era uma maneira de dialogar com o público, uma vez que havia a recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de não frequentar espaços públicos a fim de garantir a saúde e preservar a integridade dos participantes do projeto.

Figura 16. Projeto Fotografia e arte como lugares de memória.

Organização: Michel Kobelinski e Daniele Rangel Dias Soares, 2021.

Histórias, Artes e Públicos: Oportunidades e Desafios

Michel Kobelinski, Ivan de Melo, Danieli Dias Rangel Soares, Letícia Grockotzki Goularte e convidados



As artes públicas envolvem formas sensíveis e criativas de comunicação e interação com as audiências. Elas podem maravilhar as pessoas, podem dar a impressão de inclusão e pertencimento, despertar o desejo de justiça e reparação, ou ainda, levá-las à ação. Às vezes, através de atitudes destrutivas, como no caso das estátuas hoje em dia. As artes públicas de nova geração (pintura, escultura, mural, fotografia, filmes, dança, música, audiovisual, performance, entre outras) reivindicam mediações, envolvimento das comunidades, políticas de incentivo e práticas artísticas nos espaços públicos. Como historiadores, artistas e públicos podem refletir a sociedade e os usos do passado através das artes, expressar-se, interagir e colaborar com elas nos espaços públicos? Participe conosco deste movimento.

DATA: 19, 22 e 25 de março; 19h. INSCRIÇÕES:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScRbHXyDakixmANURiUXuZx9j;KsThFU869vvDgl_YAUhFits
A/viewform?usp=sf_link



Figura 17. Organização de evento.

Por outro lado, a pandemia da Covid-19 trouxe uma série de desafios, incluindo a necessidade de afastamento social para controlar a disseminação do vírus e, ao mesmo tempo, a manutenção da conexão e a colaboração com os engenheiros-beltronenses. Neste sentido, enveredamos para a abordagem com públicos na Web. A hospedagem do projeto no site *Historias, Artes e Públicos* permitiu a realização de reuniões virtuais e compartilhamento de informações e recursos, o que foi fundamental para o desenvolvimento e a manutenção do projeto.²⁵ A coleta de depoimentos se fundamentou em procedimentos ético-normativos (Comitê de Ética) e na colaboração do público através da plataforma VideoAsk.²⁶

²⁵ Projeto *Fotografia e arte como lugares de memória* tem o seguinte protocolo no Comitê de ética da Unespar: 40389620.6.00009247; nossa página no site *Histórias, Artes e Públicos* está disponível em: <https://historia.life/lugares-de-memorias>

²⁶ Elaborarmos um vídeo de curta duração para convidar o público para participar de nosso projeto através de vídeo (1minuto), texto ou áudio. Nossos colaboradores enviaram apenas texto, uma vez que não estavam familiarizados com esse tipo de interação entre pessoas. Ver Videoask, by typeform. Disponível em: <https://www.videoask.com/f9egcfo0b>

As informações fornecidas pelos participantes voluntários indicaram uma mistura de curiosidade, decepção e desconhecimento sobre o fato de o Museu Histórico Municipal Yutaka Kitayama estar fechado. Classificamos as atitudes positivo-interessadas, neutra, negativo-desapontada e mesclada, cruzando-as com as ideias de senso de lugar, sentidos de passado e lugar, senso de passado, lugar e história, e, sem classificação. **Tabela 1.**

Tabela 1 – Percepções de lugar, passado e história

Elementos /conceitos	Percepções/Atitudes (museu)			
	<i>Positiva-interessada</i> <i>A</i>	<i>Neutra</i> <i>b</i>	<i>Negativa-desapontada</i> <i>c</i>	<i>Mesclada</i> <i>d</i>
<i>1- senso lugar</i>	1 (r-n.º8),	-	-	-
<i>2-Senso passado e de lugar</i>	1 (r-n.º11), 1 (r-n.º 9),	1 (r-n.º13)		-
<i>3-senso de passado, lugar e história</i>	1 (r-n.º15), 1 (r-n.º 2, 1 (r-n.º 14)	-	1 (r-n.º12), 1 (r-n.º6), 1 (r-n.º3), 1 (r-n.º5), 1 (r-n.º7), 1 (r-n.º10)	-
<i>4- sem classificação</i>	-	-		1 (r-n.º1), 1 (r-n.º4),
Total geral - 15 (100%)	6 (40 %)	1 (6,6%)	6 (40 %)	2 (13,3 %)

Em geral, as atitudes positivas e interessadas em relação ao espaço museal - que correspondem a 40% das participações - destacam a localização, história, potencialidades e lembranças das coleções ou peças do Museu Yutaka Kitayama. Dentre elas, uma não sabia onde se localizava, duas sabiam a localização e existência do museu e outras três, apontavam para a localização, existência e historicidade do museu: “ele está fechado, que pena porque seria muito bom conhecer a história da cidade” (r-nº15); “sei que tem peças agrícolas e materiais que retratam a história do município” (r-n.º 2); “então eu sei que aqui tem um museu, mas nunca consegui ir lá. Gostaria muito de ver a história que tem o museu” 1 (r-n.º 14).²⁷ Uma percepção ou atitude foi considerada neutra em razão do teor e do desconhecimento do lugar - ambiente conhecido e típico desta cidade interiorana – e do museu em si: “Então, não sabia que Engenheiro Beltrão tinha um museu, não sei nem onde fica” (r-n.º 13). Classificamos como respostas mescladas (13,3 %) aquelas que não se

²⁷ As referências *r-n.º* significam resposta, seguida de número, a partir da classificação que organizamos. Optamos por não colocar os nomes das pessoas neste trabalho, apesar de elas terem assinado documentação ético-normativa. Além disso, selecionamos trechos dos textos que forma encaminhados através da plataforma de interatividade já descrita.

referiram ao lugar físico, ao conhecimento do museu e, tampouco à história: “Nunca tinha ouvido falar” [do museu], r-n.º1; “Eu moro aqui há 37 anos sou professora eu nunca tinha ouvido falar deste museu”, r-n.º4.

As percepções e atitudes *negativas-desapontadas* foram variadas e se caracterizam por apresentarem deslocalização do ambiente, do passado e da história do museu. Em contrapartida, manifestam-se descontentamento com as situações de abandono do lugar e seu esmaecimento ao longo do tempo, bem como de ações culturais que poderiam ter sido desenvolvidas na comunidade. Os textos trazem em seu bojo, críticas em relação às políticas públicas voltadas para a cultura - incluindo museus - o negacionismo do museu enquanto lugar, passado e história (historiografia). Apesar da perspectiva de desânimo dos participantes há o desejo de conhecer e desvendar a história da cidade através do Museu Yutaka Kitayama (40%):

R-n3 - Eu moro aqui há bastante tempo e nunca tinha ouvido falar deste local. Lembro-me que quando eu era bem mais nova tinha muitos projetos culturais. Eu gostava e participava. Agora me parece que não tem mais incentivo à cultura. O que é uma pena, pois a cultura é imensamente importante.

R-n5- Eu moro em Engenheiro Beltrão há bastante tempo sim, mas não tinha conhecimento [do museu]. Alguns dos objetos foram expostos há muito tempo na antiga casa da cultura. Mas não tinha conhecimento de um espaço onde estavam guardados os objetos.

R-n6- Quanto ao museu eu já ouvi falar desse lugar, mas nunca fui lá. Ouvi dizer que não se caracteriza um museu. Mas, que é um lugar onde guardam-se coisas antigas.

R-n7- Nossa eu moro aqui em Engenheiro Beltrão há pelo menos 20 anos e nunca tinha ouvido falar que tem um museu. Que descaso, falta de políticas públicas.

R-n10 -Nossa que triste eu nem sabia que aqui na nossa cidade tinha um museu e que ele tá fechado.

R-n12- Sei que fica próximo à gruta da cidade e que está desativado. pessoalmente ainda não visitei o museu, passei por lá antes do museu ter sido instalado, mas a gente ouve as pessoas comentando que o local ficou lamentavelmente abandonado em total descaso com a memória do município.

Apesar de as colaborações não serem volumosas é possível constatar que o museu e as políticas públicas direcionadas para a cultura para esses lugares geminados (museu, gruta e parque), durante décadas, afetou o senso de passado e de história das pessoas em Engenheiro Beltrão, comprometendo o ensino de história e de ações educativas no museu local. Essa amostra da percepção pública revela um quadro angustiante, uma vez que a cultura é extremamente importante para o desenvolvimento das pessoas, da identidade comunitária e da salvaguarda de sua memória em lugar apropriado. O Museu Yutaka Kitayama, apesar de fechado, comporta demandas sociais, constituindo-se como um importante espaço de preservação e difusão da história, da memória e da cultura local, além de ter potencial

turístico e educativo. Mesmo assim, ainda persistem lembranças potentes de suas coleções e de uma história que foi silenciada, reclusa e entulhada à vista de todos. Para que esse quadro mude e que as demandas sociais sejam parcialmente atendidas é necessário tanto o comprometimento das autoridades e da própria população em usufruir, manter e interagir nesses espaços de sociabilidades, as quais estão atualmente esparsas e esfaceladas.

Performance como alternativa de manifestação pública

O espaço público em tela (gruta, parque e museu) comporta dimensões desarmônicas entre o sagrado e o profano, o refúgio lúdico com a natureza controlada e o esquecimento do passado. Esses espaços distintos, entrelaçados em seu caráter heterotópico, desafiam as noções de tempo e espaço convencionais, convidando-nos a uma reflexão sobre as realidades múltiplas e coexistentes.

A arte como construção discursiva aplicada ao contexto educacional propicia uma formação dinâmica e criativa para os alunos, especialmente quando o conceito de performance nos leva a considerar uma ruptura com o currículo escolar tradicional e sua ampliação para os espaços públicos. A percepção e a constatação da fragmentação do tempo e do espaço urbano (heterotopia ou utopia situada), somada à performatividade contribuiu para uma abordagem engajada no ensino e na vivência dos alunos.²⁸ Parece-nos sugestivo o termo *performatopia* para designar a expressão de um espaço onde as performances desempenham um papel primordial na criação de *locus* alternativo e de experiências sociais (e, por que não, teatrais?) que desafiam normas e condições estabelecidas, fomentando reflexões e conexões entre os sentidos de lugar, de passado e de história.²⁹

Como professora de história e de artes, ao desenvolver conteúdos criativos com alunos do 7º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Maria Aparecida Medeiros, priorizei uma intervenção performática à luz da fotografia, do desenho e do cartaz. O estranhamento em relação ao Museu Yutaka Kitayama surgiu como arte problematizada, direcionada como denúncia do abandono e do esquecimento, evidenciando a importância da associação entre arte e política, com conteúdos relativos à história, à memória e à identidade da comunidade.

²⁸ Ver FUÃO, Anna Schumacher Eder. **Performances de tempos e espaços na escola**: um estudo com professoras da rede pública. Dissertação de Mestrado em Educação. 110f. Porto Alegre: Universidade, 2015. Ver FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013, p. 19: “Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, nas espessuras de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias.”

²⁹ SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

Os espaços contíguos de lazer, religiosidade e história se caracterizam atualmente pela beleza, devoção e paradoxo, simultaneamente distantes e conectados à sociedade beltronense. Neste lugar alternativo da *performatopia*, a história pode ser refletida e produzida de maneira criativa, acessível e colaborativa, tocando a vida dos participantes e ao mesmo tempo tornando público a história da cidade e do museu municipal.

A partir das produções artísticas dos alunos podemos pensar na potencialidade de narrativas visuais (e fragmentárias) em torno da história local. Os elementos da visualidade, como por exemplo, relógio, navios, esculturas, arte rupestre, natureza, entre outros, que representam e também poderiam representar coleções reais e imaginárias do museu, caracterizam olhares plurais para o presente e para o passado, além do despertar para o senso de responsabilidade coletiva com a coisa pública, isto é, o museu como repositório da história material e imaterial dos moradores da cidade. Com o emprego das ideias de arte pública e de história pública, houve a transmissão de sentimentos, ideias, desejos e conhecimento sobre aquele espaço museal desamparado, inacessível e desconhecido. Figura 18 e 19.

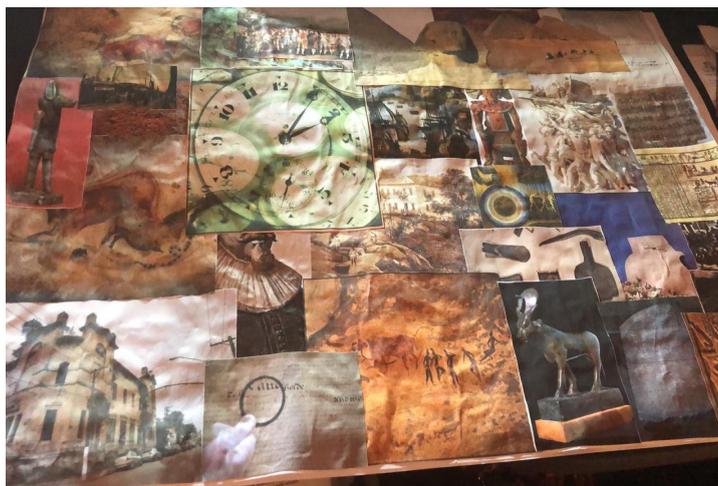


Figura 18. Cartaz/colagem produzido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 19: Performance com cartazes.

Fonte: Acervo da autora.

Os cartazes/colagens remetem a elementos visuais e sua historicidade - estatueta egípcia, representações helenísticas, armaduras bélicas evocativas de batalhas e embarcações que relembram as grandes jornadas exploratórias, bem como episódios que marcaram eras de conquistas e feitos nacionais – cuja composição metafórica destaca é a inexorabilidade do tempo e, conseqüentemente do esquecimento. A arte e a história assumem uma posição de suma relevância, uma vez que servem como veículo para a representação e reflexão sobre o passado, uma síntese ilustrativa do vasto acervo que se poderia encontrar em um museu, caso a instituição estivesse acessível aos cidadãos, proporcionando-lhes uma rica experiência de imersão na história local, associada à da humanidade. Arte e história se estabeleceram como discurso construtivo, com o propósito não apenas de expressar emoções, mas também de alertar para questões graves e urgentes que requerem ações conjuntas da sociedade. Ambas possibilitaram a criação de espaço alternativo e de reivindicação pela reabertura do museu, garantindo que ele retome seu propósito fundamental de preservar e compartilhar a cultura e a história.



Figura 20: Cartaz Árvore da Memória.

Fonte: Acervo da autora.

A ilustração denominada a *Árvore da Memória* evoca o museu e seu papel social e cultural. A árvore é símbolo de vida e crescimento, representa o museu como ser vivo que demanda cuidados, a fim de gerar bons frutos para a sociedade. Ao contrário, a árvore quando está seca e sem vida lembra-nos da paisagem em ruínas, da decadência e do abandono, tal qual o Museu Yutaka Kitayama, que fechado, não propaga a história e a memória local, tampouco estabelece relações com o todo. Essa expectativa de transcendência para o museu envolve sua função como repositório de objetos e informações, pois através dele os cidadãos podem se reconectar com suas raízes e compreender a história da comunidade ao longo do tempo. A *performatopia*, nesse caso, visa a conscientização sobre a importância da instituição museal e a mobilização pela preservação da história e da memória, balizando processos e movimentos realizados colaborativamente a fim de catalisar e despertar o interesse e o engajamento dos cidadãos e das autoridades. É importante sublinhar que atualmente os historiadores prezam por integrações interdisciplinares para consolidar as conexões entre arte e mensagens educacionais, visto que a união de competências possibilita a criação de metodologias que fomentam a reflexão e o aprendizado coletivo: “Historiadores culturais e historiadores da educação podem, por assim dizer, trabalhar com artistas de outras épocas, olhando e analisando sua arte como fonte para nos trazer narrativas através das Belas Artes dentro no âmbito da história” (DEKKER, 2023, pp. 173-174, tradução nossa). Figura 21.

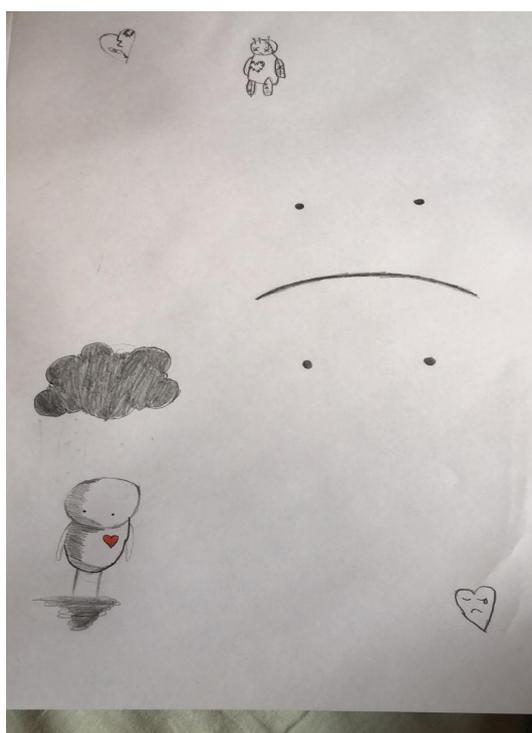


Figura 21: Cartaz *Ser humano*.

Fonte: Acervo da autora.

A partir da pintura *Casa rústica* e de fotografias do museu municipal os cartazes criaram reflexões potentes, expressões de sentimentos de maneira sutil e impactantes. Veja-se, por exemplo, a ilustração *Ser humano*, associada a estados emocionais negativos - tristeza, preocupação e desespero -, com cores em preto, branco e vermelho, e descaracterização da identidade humana, na forma de um manifesto representativo de um coração que pulsa e deseja alcançar a felicidade nos espaços públicos. Nesse direcionamento subjetivo/objetivo, as ações integraram tanto o círculo familiar e pessoal quanto atuação protagonizada em frente ao Museu Yutaka Kitayama. A exposição pública de arte em formato cartaz foi uma tentativa de envolver os cidadãos na reflexão sobre o estado do museu, incentivando uma participação mais ativa da comunidade e do engajamento de alunos na preservação da história e do patrimônio local.

Conclusões provisórias

O Museu Yutaka Kitayama, o parque e a gruta do Santuário Nossa Senhora da Rosa Mística constituem uma parte significativa da paisagem urbana e do patrimônio cultural e histórico do município de Engenheiro Beltrão e região. Apesar de contíguos, esses espaços apresentam diferenças quanto à preservação e valorização pela comunidade e autoridades. Enquanto o parque e a gruta seguem sendo frequentados e apreciados, o legado memorial e histórico do museu municipal foi negado devido a ações e disputas de narrativas, impactando diretamente nos sentidos de lugar, de passado e de história.

A situação apontou para a necessidade de performatividades artístico-históricas nesses espaços públicos, visando criar conteúdo de cunho histórico, valorização da oralidade (incluindo o meio digital), preservar o patrimônio cultural e os elementos que compõem a identidade e a memória coletiva. Igualmente, faz-se necessário um compromisso entre gestores públicos, educadores e a própria comunidade. Através de ações estratégicas e colaborativas, o museu poderá retomar seu papel como repositório da memória, da história e da cultura visual do município, sendo que a incômoda ideia de abandono deva dar lugar à revitalização e a manutenção do Museu Yutaka Kitayama, de modo que ele represente o bem-estar, convivência social e o sentimento público de comunidade. Essa mudança

assegurará que as futuras gerações possam aprendê-lo como espaço de história, memória e cultura.

Sugerimos o conceito de *performatopia* como uma abordagem artístico-histórica para descrever espaços em que as performances assumem um papel central na criação de locais alternativos e experiências sociais com as audiências escolares e não escolares. A iniciativa procurou desafiar as normas e condições estabelecidas, incentivando reflexões e conexões entre as noções de lugar, passado e história. As expressões artísticas e culturais, especialmente aquelas desenvolvidas com alunos, funcionam como ferramentas de resistência e transformação social, permitindo, em certa medida, aos participantes e comunidade, explorar e pensar identidades, relações e narrativas históricas.

Proporcionar um espaço alternativo para a expressão e experiência, possibilitou a aparição de “vozes” e perspectivas marginalizadas ou silenciadas pela história oficial e pelas instâncias de poder. Desta forma, a iniciativa contribuiu para a diversificação e a democratização da narrativa histórica, permitindo que diferentes grupos sociais e culturais refletissem e participassem ativamente na construção de sentidos de passado, abrindo caminho para a reinterpretação e a reavaliação de memórias e histórias nos espaços públicos no município de Engenheiro Beltrão, Paraná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, prezamos pela democratização dos espaços públicos de Engenheiro Beltrão, ainda mais quando nos lembramos de que muitos cidadãos não sabem que o museu, o parque e a gruta são valiosas fontes de informação sobre a história da cidade e que podem abrigar atividades inclusivas envolvendo, arte, fotografia e história. É importante tornar isso visível levando o conhecimento desses lugares para os moradores, pois isso pode acabar mudando a relação desses moradores com a cidade, mudar o roteiro dos finais de semana, os passeios, e também a forma como olham para o município.

Retomando alguns questionamentos que nortearam nossa pesquisa, reiteramos que a concepção dos moradores e visitantes a respeito dos lugares analisados giram em torno de espaços que guardam a história e o passado da cidade de Engenheiro Beltrão, bem como de lugares de memórias, de laços e emoções que se perpetuam ao longo do tempo. Chegamos a essa conclusão mediante as falas daqueles que participaram de nossa pesquisa, nossa plataforma, com os cartazes, com seus relatos, expressões e desenhos. Embora não tenham sido muitas, ainda assim conseguimos absorver e captar as emoções que esses cidadãos tentaram nos passar, apesar que muitos deles nem tiveram o conhecimento da existência, por exemplo, do museu. Entretanto, uma questão que ficou pairando em nossas mentes é que algo precisa continuar sendo feito com urgência para que não percamos a essência da história da cidade de Engenheiro Beltrão. Atividades como essas que desenvolvi precisam se tornar regulares para que estimulem os moradores do município a interagirem mais com os espaços do parque, da gruta e do museu. Isso é necessário para que não caia no esquecimento um passado tão rico e cheio de história como a do município.

Uma proposta interessante é pensar também que o espaço do bosque poderia desenvolver diversas atividades em que o público pudesse colaborar ativamente, como ginásticas, contação de histórias, trilhas, piqueniques, feiras de artes, entre diversas outras. Logo, o abandono deve levar à ocupação, ou seja, à revitalização e a manutenção do Museu Yutaka Kitayama para que ele se torne sinônimo de bem-estar, de convivência social e de sentimento de comunidade, da mesma maneira que ocorre com o Parque da Gruta e a Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística.

Por menores ou mais comuns que possam parecer essas práticas, tiveram grande relevância para mim, pois pude compartilhar um pouco das ideias de minha pesquisa e de minha experiência pessoal. Espero que os leitores entendam as considerações que fizemos

aqui e que compreendam como o nosso público foi importante para obtermos os resultados da pesquisa, os quais apontam a necessidade de haver comunicação e dar espaço para que esse público participe da trajetória da pesquisa.

Das muitas compensações que o trabalho possibilitou, uma delas foi poder aprofundar meu conhecimento sobre a cidade em que cresci, me desenvolvi e criei/crio meus filhos. Por não ser um município de grande porte, Engenheiro possui diversas opções de passeio, de lojas, mercados, escolas, etc. O parque com o museu e a gruta é um dos lugares mais bonitos que existem na cidade. Eu já conhecia antes de desenvolver a pesquisa, mas não com o mesmo olhar que tenho agora. Depois de todo esse processo, pude me sensibilizar de muitas formas, sobre seus usos, sua preservação, sobre a relação espaço-público e assim por diante. Isso é uma das contribuições que levarei para a vida e farei com que cada vez mais colegas e familiares possam também se sensibilizar quando pensar em tais espaços.

Ademais, ressalto que aprendi muito enquanto historiadora pública, estudiosa da arte, cidadã do município de Engenheiro Beltrão, entre outros papéis que desempenho em minha vida, a partir da oportunidade de desenvolver essa pesquisa. Além disso, desde que me propus a desenvolver essa pesquisa, tenho realizado algumas atividades que considero importantes em minha formação, como por exemplo, a participação em eventos, diálogos e debates em torno de meu trabalho, conversas com professores, projetos em sala de aula com meus alunos, pais e comunidade. A participação em eventos e conversas com demais historiadores foi extremamente enriquecedora para que abrissemos nossa visão para formas de pesquisar, metodologias, autores, ideias e caminhos diferentes, uma vez que diferentes olhares acrescentam muito para nossa jornada de estudos e trabalhos.

Ter um contato bastante próximo com o local de pesquisa proporcionou melhor entendimento da situação em que se encontra o museu, bem como procurar a gestão pública para esclarecer algumas dúvidas sobre o porquê de estar fechado e abandonado. Muitas vezes devemos ter a ciência de todos os ângulos para que nosso julgamento não seja restrito, parcial ou com lacunas. O que entendo disso é que quanto mais aprofundamento no objeto de pesquisa, ou seja, entender, observar e viver daquela realidade, mais se pode dizer que conhecemos, de fato as nuances daquele lugar/público, embora nunca tenhamos um entendimento completo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, JOSÉ GUILHERME. Arte pública e lugares de memória. Revista da Faculdade de Letras, **Ciências e Técnicas do Patrimônio**. Porto, 2005, I Série vol. IV, pp. 215-234.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 1988.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALVES, José Francisco (Org). **Experiências em Arte Pública: Memória e Atualidade**. Porto Alegre: Artfolio e Editora da Cidade, 2008.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ANDREW, Hurley. **Beyond preservation: using public history to revitalize inner Cities**. Philadelphia: Temple University Press, 2010.
- CARTAXO, Zelinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, v. 1, n. 1, 2009, p. 1-16.
- CARVALHO, Ely Bergo de; NODARI, Eunice Sueli. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão - Paraná, 1948-1970. *História, Franca*, v. 26, n. 2, p. 269-287, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742007000200014&lng=en&nrm=iso>. access on 30 July 2020.
- COSTA, Amanda Danielli, PINTO, Carlos Eduardo Pinto de, ARAÚJO, Viviane da Silva. A cidade e suas imagens. Apresentação. In: **Revista Maracanan**. Rio de Janeiro, n.24, p. 07-18, maio-ago. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/issue/view/1795/showToc>>. Acesso em 05 de jun de 2020.
- DEKKER, Jeroen J. H. In: Story Telling through Fine Art: Public Histories of Childhood and Education in Exhibitions in the Netherlands and Belgium C. 1980 – C. 2020. In: HERMAN, Frederik, BRASTER, Sjaak. DEL MAR DEL POZO ANDRÉS, María. **Exhibiting the Past: Public Histories of Education**, Berlin, Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2023, pp. 157-176.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020. População de Engenheiro Beltrão, 2010.
- IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICA E SOCIAL. Caderno Estatístico Engenheiro Beltrão. Curitiba: IparDES, 2020.

JORNAL ENFOQUE REGIONAL. Governo Municipal inaugura Museu Histórico e entrega revitalização do Parque da Gruta, Engenheiro Beltrão, 29, jul. 2012, s.p.

KOBELINSKI, Michel. História, sensibilidades e paisagens: notas sobre as apreensões de Elisée Réclus, Nestor Borba e André Rebouças. In: **Escritos Sobre História**. São Paulo: Anna Blume, 2012.

_____. Lugares de memória pública e retóricas da identidade teuto-brasileira no Estado do Paraná (séc. XX). In: **Revista Maracanan**. Rio de Janeiro, n.24, p. 63-89, maio-ago. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/issue/view/1795/showToc>>. Acesso em 05 de jun de 2020.

KITAYAMA, Nilson. [xx anos]. [fev. 2023]. Entrevistadora: Danieli Dias Rangel Soares. Engenheiro Beltrão, PRR, 22 fev. 2023.

KOBELINSKI, Michel. VIEIRA, Denise Scolari. **Novas sensibilidades na América Latina: Ensaios de História e Literatura**. Introdução. Paraná: CRV, 2016.

LIMA, Maria Glória; MOURA, Adriana Ferro. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Interfaces da Educação**, Interfaces da Educ., Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98.

_____. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. Porto Alegre: **Hist. Educ.** [online], 2015.

_____. Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva história. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 2, p. 11-20, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Rumos da História Oral. **Revista de História**. 2o, 2006, p. 191-203.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

MORIN. Jean Pierre disponível em <<https://ncph.org/history-at-work/historical-thinking-and-the-place-of-history-in-public-policy-development/>>. Acesso em 22/out/2021.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

ROMAÑA DÍAZ, J. A.; MUNHOZ, A. V. Práticas educativas no Museu de Arte do Rio. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 208-232, 2019.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral e arte**. Narração e criatividade. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

VIAJE PARANÁ. Engenheiro Beltrão. Curitiba: SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, s.d.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

[2] LE GOFF, Jacques. Mirages de l’histoire. In: La Recherche Photographique, N°18. Paris: Paris Audiovisuel, 1995.

NORA, Pierre. Historiens, Photographes: Voir et Devoir. In: CAUJOLLES, Cristian (dir.). Éthique, esthétique, politique. Arles: Actes Sud, 1997.

Engenheiro Beltrão: cidade abençoada. 28/11/2010.
<https://www.tribunadointerior.com.br/sem-categoria/engenheiro-beltrao-cidade-abençoada/>

KASTER, Jaime dos Santos. **A cidade que nasceu dos trilhos**. Londrina: Eduel, 2019.

MACHADO, L. R. M. A dimensão afetiva no consumo de histórias em quadrinhos: Índícios de uma Comunidade. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

CERTEAU, Michel. Andando na cidade. In: **Revista do Patrimônio**. nº 23, 1994, p. 21-27. Revista do Iphan, n. 23, 1994.

MATTOS, H., CASTRO, H. M. M.; ABREU, MARTHA. A história como performance: jongos, quilombos e a memória do tráfico ilegal de escravizados africanos. **História Pública no Brasil**. Sentidos e Itinerários. 1ed.São Paulo: Letra e Voz, 2016, v. 1, p. 221-236.

ABREU, José Guimarães de. As Origens Históricas da Arte Pública. **Convocarte. Revista de Ciências da Arte**, Lisboa, 2015, p. 14-27.

COSTA DE OLIVEIRA, Leticia de Cássia. **Arte pública e poder público**: espaço urbano, espaço arte. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.